

# Humanismo, Personalismo e os desafios sociais da educação contemporânea

## Humanism, Personalism and social challenges of contemporary education

Antônio Joaquim Severino<sup>1</sup>

### Resumo

O artigo retoma pontos fundamentais da antropologia personalista de Emmanuel Mounier, mostrando sua relevância e atualidade e destacando sua contribuição para a abordagem dos problemas éticos e políticos que ainda hoje se colocam, não resolvidos, para as sociedades, particularmente nos países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil. Argumenta que os supostos avanços, nos diferentes aspectos da vida humana, alardeados pelo capitalismo ocidental, a partir de sua atual configuração neoliberal, não realizam efetivamente uma nova ordem social, mas, ao contrário, mantém estabelecida uma desordem, que afeta, negativamente, toda a vida humana. Conclui ressaltando o imprescindível papel da educação para o processo de personalização dos homens e a decorrente necessidade de que ela se inspire e se fundamente nesses princípios humanísticos tão claramente explicitados pelo Personalismo.

**Palavras-chave:** Humanismo, Personalismo, Mounier, dignidade humana, emancipação, ética, educação.

### Abstract

The article takes up key points of Emmanuel Mounier's personalist anthropology, pointing out their present relevance and standing out their contribution to approach the ethical and political problems not yet solved by societies, particularly by developing countries, as is the case of Brazil. It argues that the supposed progress in different aspects of human life, showed off by occidental capitalism, from its current new-liberal configuration, not actually carries out a new social order but, on the contrary, maintains an established disorder, which affects, adversely, all human life. At last, emphasizes the vital role of education in the men personalization process and the resulting need for it to get inspiration from and to base on these humanistic principles so clearly explained by Personalism.

**Keywords:** Humanism, Personalism, Mounier, human dignity, emancipation, ethics, education.

---

1 Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, Brasil. É atualmente professor titular de Filosofia da Educação na Faculdade de Educação da USP. Seus estudos e pesquisas atuais situam-se no âmbito da filosofia e da filosofia da educação, com destaque para as questões relacionadas com a epistemologia da educação e para as temáticas concernentes à educação brasileira e ao pensamento filosófico e sua expressão na cultura brasileira. Endereço profissional: Universidade de São Paulo, Departamento Filosofia da Educação e Ciências da Educação, Faculdade de Educação. Av. da Universidade, 308 Butantã. CEP 05508-900 - São Paulo, SP - Brasil. Telefone: (11) 30913195 Fax: (11) 30913160 URL da Homepage: <www.fe.usp.br>. E-mail: <ajsev@uol.com.br>.

A contribuição que pretendo trazer é a de que o pensamento personalista, tal como concebido e articulado por Mounier, continua expressando, na atualidade, uma contribuição muito relevante frente à demanda por uma nova civilização. Seu projeto filosófico continua representando substantiva referência para o projeto civilizador que a humanidade ainda tem que conceber e implementar. E a pedra de toque, o seu grande legado, para a reflexão ético-política que deve fundamentar esse projeto é a sua concepção da pessoa humana, como núcleo valorativo básico, como portadora da eminente dignidade. A dignidade humana é a referência nuclear e central da ação adequada à humanidade, a única base para nosso agir conseqüente.

O pensamento personalista, tanto em sua dimensão especificamente filosófica como em sua dimensão política, é, de fato, muito atual e, conseqüentemente, de grande relevância, tal a contribuição que pode dar para a compreensão, para a discussão e para a reorientação da realidade política contemporânea. O personalismo mounierista não é apenas uma filosofia teoricamente exigente, ele é também uma filosofia da práxis, que demanda um compromisso de reflexão e ação sobre a realidade histórico-social. Sem dúvida, ele herdou essa preocupação, tanto teórica como prática, também do marxismo, que muito influenciou Mounier.

Este pensador professava grande indignação e inconformismo frente à realidade histórico-social da primeira metade do século XX e tinha particular sensibilidade à violação histórica da dignidade do ser humano. Essa sensibilidade tinha algo de inapreensível ao olhar analítico, algo muito profundo na sua personalidade, mas sobre esse lastro desdobram-se outras fontes: a seriedade em se equipar com os recursos do conhecimento crítico, o compromisso em se servir bem desse precioso instrumento, a solidariedade com os oprimidos, os exemplos de outras personalidades igualmente compromissadas com a transformação da realidade. Mounier fala muito da consciência que tomou, já de muito jovem, da insuficiência da civilização contemporânea, da necessidade conseqüente de se refazer o renascimento, criar uma nova civilização. Paradoxalmente, até a vivência pessoal da fé cristã foi para ele uma fonte de exigência pela superação da desordem estabelecida, que ele considerava ser a verdadeira configuração do mundo contemporâneo.

As razões pelas quais Mounier pleiteava, na primeira metade do século XX, um novo renascimento continuam presentes no contexto da sociedade contemporânea, em que pesem as mudanças em algumas de suas configurações. A pretensa nova ordem mundial continua sendo uma “desordem estabelecida”.

Com efeito, de acordo com um senso comum atualizado, vigente tanto nos meios acadêmicos, nos meios de comunicação e até mesmo nos meios populares, estaríamos vivendo hoje um mundo totalmente diferente daquele projetado pela visão iluminista da modernidade, que ainda marcaria o início do século XX, constituindo uma nova ordem mundial. Estaríamos vivendo um momento de plena

revolução tecnológica, capaz de lidar com a produção e transmissão de informações em extraordinária velocidade, num processo de globalização não só da cultura, mas também da economia e da política. Tratar-se-ia de um momento marcado pelo privilegiamento da iniciativa privada, pela minimalização da ingerência do Estado nos negócios humanos, pela maximalização das leis do mercado, pela ruptura de todas as fronteiras. No plano mais especificamente filosófico, encontram-se desconstruídas todas as formas de expressão da razão teórica da modernidade, todos os seus discursos são colocados sob suspeita, inclusive aqueles da própria ciência. Todos os grandes sistemas teóricos interpretativos da realidade humana são caracterizados como metanarrativas e, como tal, desconsiderados. Já teríamos entrado, então, em plena pós-modernidade.

No entanto, esse modo de ver e existir atuais, de perfil assumidamente neoliberal, com suas decorrências e expressões no plano cultural, com sua exacerbação do individualismo, do produtivismo, do consumismo, da indústria cultural, da mercadorização até mesmo dos bens simbólicos, não instaura nenhuma pós-modernidade e nenhuma nova ordem, qualitativamente diferenciada, sob o ângulo da compreensão e do respeito da condição humana. Com efeito, o que está de fato acontecendo é a plena maturação das premissas e promessas da própria modernidade. Nada mais moderno do que essa expansão e consolidação do capitalismo, envolto numa aura ideológica de liberalismo extremado; nada mais moderno do que essa tecnicização, viabilizada pela revolução informacional. Finalmente, a modernidade está podendo cumprir as promessas embutidas em seu projeto civilizatório. Nada mais moderno do que o individualismo egoísta dos dias de hoje... No fundo, é a mesma racionalidade que continua dirigindo os rumos da história humana, em que pesem as críticas que são feitas a sua forma de expressão até o século 19.

Que tal situação configure um contexto novo, não há como negar, nem recusar. E que obviamente exige reequacionamentos por parte de todos nós, quaisquer que sejam os lugares que ocupemos na dinâmica sociocultural. Isso não está em questão. Mas o que cabe aqui é uma rigorosa atenção a essa especificidade do momento histórico, não se deixando levar nem por uma atitude de mera anatematização moralizante ou saudosista, nem por um deslumbramento alienante. Análise detida, vigilância crítica e renovado compromisso político, é o que se impõe e é sob essa perspectiva que o Personalismo se qualifica como paradigma teórico e prático para o enfrentamento lúcido e eficaz dessa situação histórica extremamente deletéria para o ser humano. O Personalismo expressa significativo potencial tanto como filosofia quanto como pedagogia política, qualificando-se simultaneamente como instrumento de análise dessa realidade e como roteiro de ação transformadora.

Nessa linha, a filosofia personalista tem um diferencial no sentido de que “apela” para o engajamento. Ela engaja um engajamento. Para ela, o filósofo tem que ser simultaneamente profeta e pedagogo, respondendo pela denúncia, pelo anúncio e pelo encaminhamento de propostas de ação histórica. Não endossa o silêncio dos intelectuais, seja ele o silêncio da omissão ou não. Cobra necessária militância intelectual, não só pela análise fria e neutra, mas também pela crítica e pela proposta. Dos intelectuais, se espera um necessário compromisso político e que tenha discernimento competente e combatente.

Essa fecundidade do Personalismo deriva de sua abrangência unificadora, de sua capacidade de fundar-se numa concepção integral da condição humana, superando tanto os reducionismos como os dualismos ontológicos que sempre marcaram a filosofia. Ao conceber a pessoa como essa permanência aberta, Mounier decodifica bem a condição do homem, sujeito responsável pela construção da história, como garantindo uma medida comum e universal que une todos os homens, ao mesmo tempo que reconhece sua encarnação empírica. As estruturas mediante as quais o Personalismo descreve o universo pessoal abrangem simultaneamente o absoluto de sua transcendentalidade, tanto quando o relativo da imanência instaurada por sua encarnação no mundo material

Todo o pensamento de Mounier articula-se em torno dessa intuição básica, de natureza antropológica, qual seja, a da apreensão da pessoa humana, que se realiza como uma unidade dialética de imanência e de transcendência. Essa condição existencial, além de configurar a especificidade da pessoa, atribui-lhe uma eminente dignidade. Com efeito, se, de um lado, a unidade da pessoa é a referência ontológica para a devida compreensão de seu ser, a dignidade da pessoa humana é o ponto nuclear de sua axiologia, ou seja, a referência maior de todos os valores, a fonte referencial de todos eles. Daí, todo o agir histórico dos homens, na sua tentativa de construção da história, bem como seu agir pessoal têm sempre um parâmetro muito sólido, em que pesem todas as dificuldades decorrentes da própria condição de ambivalência da nossa existência encarnada.

Essas premissas antropológicas indicam aos responsáveis pela construção de mediações significativas para a condução de nossa história, que sua produção filosófica precisa estar muito atenta às condições de imanência e de transcendência das pessoas que integram as sociedades históricas. Que o apelo utópico que se põe no horizonte para o pensamento emancipador é o de transformar criaturas naturais em pessoas e de transformar as sociedades reificadas em comunidades de cidadãos livres, capazes de tomar seu destino histórico nas próprias mãos. Cabe a todos aqueles que lidam com o conhecimento, não construir sistemas de significantes abstratos, mas de contribuir com um pensamento criativo e crítico, para a leitura da opacidade social e histórica, lançando esclarecimento para sua superação, tendo sempre em

vista a emancipação da sociedade pela emancipação das pessoas no seu interior. A idéia que me parece muito forte no personalismo mounierista é a razão de ser do conhecimento, o que lhe dá sua legitimação, é seu intransigente compromisso com a construção da cidadania, entendida como aquela qualidade de vida que permita a todos existir concretamente, fruindo efetivamente de todas as condições objetivas e subjetivas que constituem a própria infra-estrutura de nossa existência real.

Mounier se sensibilizara profundamente à miséria humana, ficando inconformado com a condição miserável, de opressão e exploração em que tantas pessoas, mundo a fora, tinham de sobreviver. Não sem razão, insistia em reiterar que o marxismo representava “nosso batismo de fogo”. Seu inconformismo brotara de uma particular sensibilidade que tinha à violação histórica da dignidade do ser humano.

Sem nenhuma dúvida, o personalismo tem um grande diferencial pois, comprometido em sua essência com a dignidade da pessoa humana. Por isso mesmo ele pode lastrear uma ideologia mais universalizada e, como tal, fundamentar uma prática efetivamente emancipatória. A dignidade da pessoa é o critério para a leitura avaliativa das ações mediante as quais se constrói a história real. Não é um ideal ontologizado, mas um conjunto de julgamentos históricos e práticos. Isso implica, sim, uma crítica radical à situação política vigente, comprometida que está integralmente apenas com o ter, sem nenhuma preocupação com o ser. O ser humano foi reduzido a mera mercadoria ou, na melhor das hipóteses, em seu produtor técnico e em seu consumidor voraz. Como filosofia crítica da realidade histórico-social, ao mesmo tempo que um pensamento engajado na práxis transformadora, é claro que o personalismo tem tudo para subsidiar a superação dessa desumanizante situação política do mundo atual.

As idéias de Mounier ajudam a traçar perspectivas de superação das crises políticas de qualquer sociedade onde o ser humano seja manipulado, explorado, oprimido, como é bem o caso da sociedade brasileira, das sociedades latino-americanas e africanas e de tantas outras pelo mundo afora. De qualquer modo, a realidade social brasileira, em sua constituição histórica, que se iniciou sob o signo da escravidão, é bem a demonstração da violência cristalizada no tecido social e sua crise política atual nada mais é que uma decorrência dessas suas raízes.

Para Mounier, a liberdade, maior galardão da transcendência humana, era também uma liberdade condicionada. E esse condicionamento lhe impunha muita responsabilidade. A ética, para ele, pressupunha a liberdade, condicionada, sem dúvida, mas que fazia a pessoa responsável pelo seu agir. A eticidade da ação se configurava a partir da articulação dialética da vontade e da liberdade, do lado da imanência, com seus condicionamentos existenciais; do lado da transcendência, com a eminente dignidade da pessoa humana, fonte de todos os valores que devem nortear nossas ações.

O Personalismo leva em conta, antes de mais nada, a condição real do ser humano como entidade natural e histórica. O homem está, por sua própria condição, lançado no mundo, aí é sua casa. A convergência do Personalismo com algumas teses do marxismo advinha dessa sensibilidade à encarnação do homem. O mundo não é apenas um vale de lágrimas provisório, mas o habitat real da humanidade.

Apesar do personalismo mounierista ter perdido bastante sua força de inspiração filosófica e política nos contextos socioculturais do Ocidente, vítima que foi de cerrado questionamento ideológico, ele constitui, na verdade, um referencial filosófico de extrema relevância. Todas as conquistas teóricas que hoje têm ganhado reconhecimento no contexto da filosofia pós-moderna, por exemplo, foram antecipadas pelo personalismo na primeira metade do século XX. Mas, a humanidade jamais conseguirá superar seus graves problemas se não decidir apoiar-se numa concepção antropológica, em que a dignidade do ser humano, enquanto pessoa livre e encarnada, tornando-a referência norteadora de todas as suas ações, individuais e coletivas. Não se trata de elaborar novas metanarrativas, mas de reconhecer a dignidade humana como o valor fonte para a ação que constrói a história.

É no contexto de todas estas referências antropológicas que podemos formular algumas considerações sobre os desafios atuais da educação, prática histórico-social que se legitima exatamente pelo compromisso que tem de personalizar os sujeitos humanos, de tornar os indivíduos cada vez mais pessoais.

À luz das referências filosóficas do Personalismo, a educação não pode ser concebida apenas como um processo institucional, seu lado visível, mas, fundamentalmente, como um investimento formativo do humano, seja na particularidade da relação pedagógica pessoal, seja no âmbito da relação social coletiva. As intervenções educacionais, mediadoras universais e insubstituíveis da formação humana, ancoram-se na condição da educabilidade do homem. O que está em pauta não é só a habilitação técnica, mas uma autêntica *Bildung*, a formação de uma personalidade integral, o investimento sistemático e intencionalizado na construção do humano no homem, sua humanização, sua personalização.

Na condição de prática especificamente voltada para os sujeitos humanos em construção, desenvolvendo uma ação de intervenção nesses sujeitos, o seu compromisso fundamental é com o respeito radical à dignidade humana desses sujeitos. Com efeito, a legitimidade da educação pressupõe necessariamente sua eticidade. Esse compromisso ético da educação, que se estende ao exercício profissional dos educadores, por assim dizer, se acirra nas coordenadas histórico-sociais em que nos encontramos. Isso porque as forças de dominação, de degradação, de opressão e de alienação se consolidaram nas estruturas sociais, econômicas e culturais. As condições de trabalho são ainda muito degradantes, as relações de

poder muito opressivas e a vivência cultural precária e alienante. A distribuição dos bens naturais, dos bens políticos e dos bens simbólicos, muito desigual. Em outras palavras, as condições atuais de existência da humanidade, traduzidas pela efetivação de suas mediações objetivas, são extremamente injustas e desumanizadoras.

Assim, é também por exigência ética que a atividade profissional dos educadores deve se conceber e se realizar como investimento intencional sistematizado na consolidação das forças construtivas das mediações existenciais dos homens. É isso que lhe dá, aliás, a sua qualificação ética. O investimento na formação e na atuação profissional do educador não pode, pois, reduzir-se a uma suposta qualificação puramente técnica. Ela precisa ser também política, isto é, expressar sensibilidade às condições histórico-sociais da existência dos sujeitos envolvidos na educação. Sendo política, a atividade profissional se tornará intrinsecamente ética.

Numa sociedade organizada, espera-se que a educação, como prática institucionalizada, contribua para a integração dos homens no tríptico universo das práticas que tecem sua existência histórica concreta: no universo do trabalho, âmbito da produção material e das relações econômicas; no universo da sociabilidade, âmbito das relações políticas, e no universo da cultura simbólica, âmbito da consciência pessoal, da subjetividade e das relações intencionais.

No seu conjunto, os dados sociais, econômicos e culturais da realidade brasileira mostram como o trabalho é degradante, como a sociabilidade é deteriorada e opressiva, como a cultura é alienante e precariamente distribuída. Eles mostram como se acham as mediações da existência humana no Brasil. Eles remetem também aos desafios que a educação brasileira precisa enfrentar para cumprir sua missão intrínseca que é aquela de investir nas forças construtivas das práticas relacionadas ao trabalho, à vida social e à cultura simbólica. O que se constata, todavia, a respeito da educação brasileira, é que ela se encontra numa situação ainda muito deficitária. O deficit educacional se apresenta em números muito elevados. Tal situação demanda de todos nós, sensíveis ao valor da dignidade da pessoa humana e, portanto, de sua atitude ética, o compromisso de fazer a prática político-educativa tornar-se um investimento competente para a consolidação das condições de trabalho, para a construção da cidadania, na esfera da vida pessoal e da democracia, na esfera da vida social, e, para a expansão da cultura simbólica, utilizar todos os recursos disponíveis e, de modo especial, o instrumento do conhecimento.

A análise que Mounier fez da civilização ocidental, dos anos 30 a 50, se aplica perfeitamente ao que acontece hoje no Brasil, que não conseguiu implementar um projeto civilizatório mais abrangente. Certamente, é preciso ainda fazer seu renascimento, compreendendo, com isso, superar todos os índices de opressão, de exclusão, de pobreza e de miséria, de modo que o ser possa superar o ter.

O pensamento de Mounier teve uma presença marcante na cultura brasileira, precisamente durante os anos 50 e 60, mas ele não conseguiu prosperar por causa da repressão ditatorial dos anos 70 e 80. Agora, nessas últimas décadas, durante as quais se reconstituiu a frágil democracia brasileira, ainda muito formal e hipócrita, ele ganha uma nova atualidade no seio da insistente demanda por uma nova civilização, também nos trópicos, mediante uma reformulação no sentido da vida social e política.

A grande contribuição que o Personalismo pode fornecer ao projeto civilizatório do Brasil passa seguramente pela educação para a cidadania, tal qual esta é concebida hoje. Educar a pessoa hoje, em nossas condições, é educar para essa dimensão da cidadania, é despertar a humanidade junto dos homens para consolidar a civilização, é assegurar a todos a condição de cidadãos, numa sociedade verdadeiramente democrática, que é aquela que consegue assegurar a todas as pessoas a fruição dos bens naturais, dos bens políticos e dos bens culturais que são necessários para sua realização como pessoas portadoras de uma eminente dignidade.

O que se pode perceber, então, é que aquilo de melhor que é pensado e realizado, hoje, na esfera educacional, retoma essencialmente a inspiração madura, crítica e construtiva do pensamento personalista, que propõe e consolida um projeto humanista de transformação qualitativa de toda nossa realidade individual e social.

## Referências

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. São Paulo: Martins Fontes, s/d

BELLUZO, Luiz Gonzaga. Fim de século. **São Paulo em Perspectiva**. v. 12, n. 2, abr./jun 1992. p. 21-26. São Paulo: Fundação Seade, 1992.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutiva**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1984.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização, 1968.

GRAMSCI, Antonio. **Maquiavel, a política e o estado moderno**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

IANNI, Octavio. Globalização e neoliberalismo. **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo: Fundação Seade, v. 12, n. 2, abr./jun 1992. p. 27-32

KLIKSBERG, Bernardo. **Desigualdade na América Latina: o debate adiado**. São Paulo: Cortez/UNESCO, 2000.



- KLIKSBERG, Bernardo. **Repensando o Estado para o desenvolvimento social**. São Paulo: Cortez, 1999.
- MARX, K. & ENGELS, F. **A ideologia alemã**. Lisboa: Presença, 1976. 2 v.
- MOUNIER, Emmanuel. **Oeuvres**. Paris: Seuil, 1962. 4 v.
- ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- RODRIGUES, Neidson. **Estado, educação e desenvolvimento econômico**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1982.
- SEVERINO, Antônio J. **Educação, sujeito e história**. São Paulo: Olho d'Água, 2001.
- SEVERINO, Antônio J., **Pessoa e Existência: iniciação ao personalismo de Emmanuel Mounier**. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1983.
- SEVERINO, Antônio J. A escola e a construção da cidadania. In: **Sociedade civil e educação**. Campinas: Papirus, 1992, p. 9-14. (Coletânea CBE).
- SEVERINO, Antônio J. A contribuição do pensamento de Mounier à reflexão antropológica contemporânea. **Rev. Fil. Bras.** 5(1): 25-30. jun. 1992. Rio: UFRJ, 1992.
- SEVERINO, Antônio J. **Educação, ideologia e contra-ideologia**. São Paulo: EPU, 1986.
- SEVERINO, Antônio J. **Filosofia da educação**. São Paulo: FTD, 1994. (Col. Ensinar & Aprender).
- SINGER, Paul. Para além do neo-liberalismo: a saga do capitalismo contemporâneo. **São Paulo em Perspectiva**. v. 12, n. 2, abr./jun 1992. p. 3-20. São Paulo: Fundação Seade, 1992.

Recebimento em: 30/11/2008.

Aceite em: 30/12/2008.